



25 DE ABRIL SONDAAGEM

Ideias Estudo do ICS/ISCTE, em parceria com a Comissão Comemorativa 50 Anos 25 de Abril, mede a evolução dos valores da Revolução

Abril resiste à polarização

Revolução é o Dia D da História de Portugal para 65% dos portugueses

Textos CLÁUDIA MONARCA
ALMEIDA - DAVID DINIS
Infografias SOFIA MIGUEL ROSA

Dois em cada três portugueses apontam o dia 25 de abril de 1974 como o "mais importante para a História" do país. São 65%, mais seis pontos percentuais do que os que o indicavam há 10 anos e também 13 pontos acima do valor de 2004. A sondagem do ICS/ISCTE, que resulta de uma parceria entre o Expresso, a SIC e a Comissão Comemorativa 50 Anos 25 de Abril, mostra que os valores de Abril não só resistem como se reforçaram, sobretudo na última década, apesar dos tempos de maior polarização política. Uma conclusão mais evidente quando se compararam as respostas de hoje às que foram dadas a duas sondagens anteriores (em 2004 e 2014) exatamente com as mesmas perguntas.

Há, de resto, um largo consenso sobre a evolução social nos últimos 50 anos — e o papel decisivo do 25 de Abril nesse processo —, sobre a perda de importância das divisões resultantes da Revolução, do equilíbrio da Constituição, assim como um consenso razoável sobre o funcionamento da democracia

e nas atitudes sociais e políticas, no geral alinhadas com as de uma democracia liberal. Num momento-chave da evolução do sistema político — mais fragmentado e com o surgimento de uma direita radical que abriu espaço à afirmação de ideias mais nacionalistas ou saudosistas —, as comemorações dos 50 anos partem, afinal, com um amplo otimismo na sociedade sobre os ideais e efeitos da Revolução.

Na primeira pergunta desta sondagem — colocada aos inquiridos ainda antes de estes saberem o seu tema —, foram apresentados seis factos históricos, perguntando-se qual deles era considerado "mais importante para a história de Portugal". E as respostas mostram que a diferença do 25 de Abril para os restantes factos mar-

cantes da História de Portugal é cada vez maior. Se em 2014 (um ano ainda marcado pelo ajustamento financeiro e pela *troika*) a "implantação da República" recolhia 11% das escolhas, agora ela desce para 8%. Já a "adesão à CEE" (hoje União Europeia) ganha o segundo lugar com 11%, mas a 54 pontos percentuais de distância da Revolução.

As outras hipóteses seguem ainda mais abaixo: a restauração da independência de 1640 (6%), a Batalha de Aljubarrota e a chegada de Vasco da Gama à Índia (3%). De resto, a vantagem do 25 de Abril verifica-se em todos os escalões sociodemográficos, embora menos forte entre os homens, os que se posicionam mais à direita e quem tem ensino superior (ainda que sempre acima dos 50%).

As respostas à questão sobre "como o 25 de Abril devia passar à História" consolidam a importância decisiva que os portugueses atribuem ao dia do fim da ditadura: 56% dizem que teve "consequências mais positivas do que negativas" (estável face há 10 anos), 32% consideram que teve consequências tão positivas quanto negativas — restando 10%, que olham com saudades para o antigo regime.

E como acham os portugueses que "devia passar à História o regime político que existia antes do 25 de Abril"? Em espelho, 50% dos portugueses afirmam que foi "um período que teve mais coisas negativas do que positivas — oito pontos acima de 2014 — e 26% acreditam que teve tantas negativas como positivas. Nesta pergunta, porém, sobressaem os 20% que olham para o antigo regime como tendo "mais coisas positivas do que negativas", que se percebe ter maior preponderância entre os que se posicionam mais à direita, os que assinalam ter hoje menor capacidade económica e os que têm menos estudos. Este valor, ainda assim, é apenas 1 ponto superior ao de há uma década e 3 acima de há 20 anos.

Curiosas são as respostas sobre a figura pública que o 25 de Abril de 1974 faz lembrar primeiro. A pergunta era aberta (ou seja, de resposta livre e sem hipóteses predefinidas) e as respostas mais frequentes vêm em duplas — uma do antigo regime e outra do pós-Revolução. Assim, António de Oliveira Salazar e Salgueiro Maia são os mais mencionados em proporções similares (16% e 15%, respetivamente), sendo seguidos por Mário Soares e Otelio Saraiwa de Carvalho, referidos cada um por 9% dos inquiridos. Depois destas figuras, surgem (com valores mais baixos) Ramalho Eanes (6%), António de Spínola e Marcelo Caetano (4%), Sá Carneiro, Álvaro Cunhal e Zeca Afonso (2%).

calmeida@expresso.imprensa.pt

QUAL DOS SEGUINTES ACONTECIMENTOS FOI MAIS IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA DE PORTUGAL?

% em relação ao total da amostra em cada ano

Evento	2004	2014
REVOLUÇÃO A 25 DE ABRIL DE 1974	52%	59%
ADESÃO DE PORTUGAL À CEE EM 1985	9%	6%
IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA EM 1910	8%	11%
RESTAURAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DE 1640	10%	5%
BATALHA DE ALJUBARROTA EM 1385	4%	3%
CHEGADA DE VASCO DA GAMA À ÍNDIA EM 1498	7%	4%

O REGIME POLÍTICO QUE EXISTIA ANTES DO 25 DE ABRIL DEVIA PASSAR À HISTÓRIA COMO UM PERÍODO QUE TEVE:

% em relação ao total da amostra



O 25 DE ABRIL DEVIA PASSAR À HISTÓRIA COMO UM PERÍODO QUE TEVE:

% em relação ao total da amostra



O PERÍODO QUE SE SEGUIU AO 25 DE ABRIL FOI AGITADO E REVELOU ALGUMAS DIVISÕES NA SOCIEDADE. ESSAS DIVISÕES TÊM HOJE...

Porcentagem em relação ao total da amostra

Opinião	Porcentagem
A MESMA IMPORTÂNCIA	20%
MENOS IMPORTÂNCIA	43%
JÁ NÃO TEM QUALQUER IMPORTÂNCIA	30%
ESQUERDA	42%
DIREITA	12%
NENHUM SECTOR EM ESPECIAL	17%

A CONSTITUIÇÃO DE 1976 REFLETE MAIS OS INTERESSES DA ESQUERDA, DA DIREITA OU DE NENHUM SECTOR EM ESPECIAL?

Porcentagem em relação ao total da amostra

Sem mudar, a Constituição está hoje mais 'neutra'

Dez anos depois da *troika*, os portugueses já não veem a Constituição como favorecendo a direita. E desvalorizam as divisões geradas pela Revolução

A caminho também dos seus 50 anos — fez 48 no início de janeiro —, até que ponto "a Constituição reflete hoje mais os interesses da esquerda, da direita ou de nenhum sector em especial?" A pergunta, quando foi feita há 10 anos, revelava uma ideia de desequilíbrio: 29% dos portugueses diziam que refletia os interesses da "direita" e apenas 10% diziam que os da "esquerda". Passada uma década, a mesma pergunta apon-

ta para um empate: 20% acreditam que reflete os interesses da esquerda, 19% da direita — e 34% entendem que de "nenhum sector em especial". Dado o adicional a registar: de 2014 até hoje nem uma linha mudou na Constituição da República Portuguesa.

O que mostra a sondagem realizada pelo ICS/ISCTE para o Expresso e a SIC (em parceria com a Comissão Comemorativa 50 Anos 25 de Abril) é que mudou a percepção. Mas para isso é essencial lembrar o que estava a acontecer naquela altura. O Governo de então, liderado por Pedro Passos Coelho e Paulo Portas, tentava ainda cumprir os objetivos impostos pela *troika* para que o Pro-

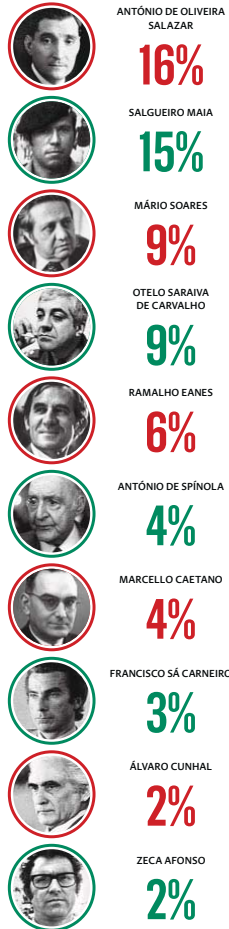


EXPRESSO.PT Do Chega aos saudosistas, dos nacionalistas ao CDS e PSD: as direitas que não celebram o 25 de Abril juntaram-se num livro



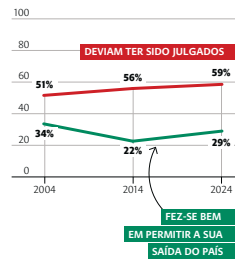
QUAL É A FIGURA PÚBLICA DE QUE SE LEMBRA PRIMEIRO QUANDO SE FALA NO 25 DE ABRIL DE 1974?

Questão aberta. % em relação ao total da amostra



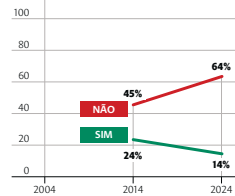
OS RESPONSÁVEIS POLÍTICOS DO REGIME ANTERIOR DEVIAM TER SIDO JULGADOS PELOS ATOS DE REPRESSÃO POLÍTICA?

% em relação ao total da amostra em cada ano



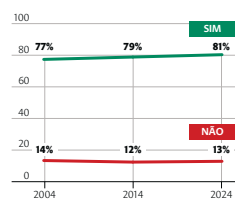
RELATIVAMENTE AOS FUNCIONÁRIOS DA PIDE/DGS RESPONSÁVEIS PELA REPRESSÃO, ACHA QUE FOI FEITA JUSTIÇA?

% em relação ao total da amostra em cada ano



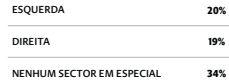
A FORMA COMO SE LEVOU A CABO A NOSSA TRANSIÇÃO PARA A DEMOCRACIA CONSTITUI UM MOTIVO DE ORGULHO PARA OS PORTUGUESES?

% em relação ao total da amostra em cada ano



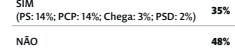
AS ALTERAÇÕES QUE FORAM FEITAS À CONSTITUIÇÃO ATÉ AGORA REFLETEM HOJE MAIS OS INTERESSES...

Porcentagem em relação ao total da amostra



HÁ UM PARTIDO POLÍTICO QUE REPRESENTA HOJE O 25 DE ABRIL MAIS DO QUE QUALQUER OUTRO? SE SIM, QUAL?

Porcentagem em relação ao total da amostra



grama de Assistência Financeira fosse cumprido. Esse objetivo só seria cumprido alguns meses depois de abril desse mesmo ano. E o país estava ainda na ressaca de várias decisões difíceis e de um braço de ferro entre Governo e Tribunal Constitucional (TC). Nos últimos, o TC tinha bloqueado decisões de cortes de salários adicionais no sector público, o Governo tinha recuado na decisão de

Para 73%, as divisões geradas no pós-25 de Abril têm hoje menos (ou nenhuma) importância

cutar na Taxa Social Única e, em negociação com a *troika*, tinha optado por um "enorme aumento de impostos" (assim anunciado pelo então ministro das Finanças Vítor Gaspar). O aumento de impostos, claro, não tinha nada de inconstitucional, mas pesava bastante sobre os contribuintes. Passados 10 anos sobre essa sondagem — e oito de governação

do PS —, o choque parece desfeito e as tensões políticas com o TC foram reduzidas ao mínimo. Face a isso, a ideia de uma Constituição em ponto de equilíbrio político impera, como não tinha acontecido até aqui. Exemplo disso é que, há 20 anos, uma pergunta igual feita numa sondagem (à época para o "Público" e RTP) mostrava também um desequilíbrio: 28% acreditavam que a Constituição refletia interesses da "direita" e só 12% apontavam para os da "esquerda".

Recuando no tempo, os portugueses olham para a Constituição original (a de 1976) com a ideia de que esta refletia mais os interesses da esquerda (42%) do que os da direita (12%) — um valor que se mostra no essencial estável ao longo dos últimos 20 anos. Porém, anote as respostas a outra pergunta do questionário: para 43% dos portugueses as divisões na sociedade geradas no período que se seguiu ao 25 de Abril "têm hoje menos importância do que tinham na altura", "já não têm qualquer importância" para 30% e só têm a mesma importância para 20%.

Com a Revolução, Portugal mudou "muito" — e bem

Apenas 14% dos portugueses acreditam que o país "pouco" ou "nada" mudou. E são mais hoje os que acreditam que foi para melhor

É uma maioria inequívoca: 84% dos portugueses consideram que Portugal mudou "muito" ou "bastante" desde o 25 de Abril. E a resposta que recolhe a maioria e precisamente a mais entusiástica: foi mesmo "muito" para 45% dos inquiridos, quatro pontos acima do registado numa sondagem idêntica realizada há 10 anos e seis acima de 2024. A sondagem do ICS/ISCTE

realizada para Expresso e SIC indica que, 50 anos após a Revolução, são apenas 13% os que acreditam que o país mudou pouco e 1% os que respondem "nada".

A avaliação de uma mudança no país não é apenas quantitativa: quando questionados sobre se essas mudanças foram "mais positivas ou negativas", a maioria dos portugueses (dos que consideraram que Portugal mudou "muito" ou "bastante") responde que foram "mais positivas": 56%, uma subida de 15 pontos face à sondagem de 2014 — altura em que Portugal enfrentava ainda os custos do programa de

ajustamento negociado com a *troika*. Esta maioria está, agora, a par com o nível de satisfação registado no estudo de opinião feito em 2004, ultrapassando os que falam de mudanças neutras — ou seja, "tão positivas como negativas" (35%). Os restantes, que falam de alterações "mais negativas", são apenas 9%.

O que é ainda mais inequívoco é que estas mudanças "só aconteceram por causa do 25 de Abril", resposta dada por 73% dos inquiridos neste estudo. Trata-se de um padrão semelhante ao observado em 2004 (68% contra 23%), sendo que, em 2014, a diferença entre os que atribuíam as mudanças ao 25 de Abril (49%) e os que pensavam que as mesmas teriam acontecido de qualquer maneira (35%) era muito menor, como anotam os investigadores no relatório final da sondagem.

Saúde sim, habitação menos, corrupção nada: o que mudou desde Abril?

Em 16 áreas analisadas, os portugueses veem melhorias claras em oito. E têm opinião negativa em três. **A habitação é a que mais caiu** na última década

Pergunte-se a si mesmo: "Comparando com o que se passava antes do 25 de Abril, acha que as coisas em Portugal estão melhor, ficaram na mesma ou pioraram?" A sondagem do ICS/ISCTE feita para Expresso e SIC procurou saber a resposta dos portugueses em 16 áreas. Em linhas gerais, a conclusão é esta: em 2024, há uma maioria de inquiridos que considera a situação hoje "melhor" do que a que existia antes do 25 de Abril em metade dos sectores em análise. Noutros cinco, há mais opiniões positivas do que negativas (mas com muitos a dizerem que a situação está "na mesma"). E a opinião só é maioritariamente negativa em três sectores.

Comecemos pelo mais positivo. Apesar das várias sondagens que indicam a situação do SNS, da Educação ou a situação económica como três dos problemas mais graves do país nos dias de hoje, as respostas a este inquérito mostram que a "assistência médica" é o âmbito em que mais inquiridos consideram que as coisas melhoraram desde a Revolução (74%), seguindo-se o nível de vida em geral (71%), a educação (71%) e a segurança social (68%) — ambas com uma subida significativa nesta década — e ainda a situação económica (62%). Em todos estes casos, há pelo menos dois em cada três inquiridos a avaliarem positivamente a evolução em democracia, com as respostas negativas a variarem entre os 13% e os 19%.

Há mais três áreas onde os inquiridos notam um progresso: a proteção do ambiente (60%), a convivência social e o civismo (57%) e a independência nacional (51%). Se na questão ambiental a nota é ainda destacadamente positiva, na convivência e civismo as respostas negativas sobem para 24% e atenuam a nota. Na independência nacional aproximam-se mais ainda: há 20% de respostas negativas e 21% de respostas neutras.

Vale a pena sublinhar que, refletindo a avaliação das condições sociais e económicas deste estudo face ao realizado em 2014, "a proporção de inquiridos que apontam melhorias aumentou face a 2014 em quase todos os domínios" — em particular o nível de vida, a segurança social (pelo aumento das pensões e apoios) e a situação económica. Mas há uma exceção e é a essa que vamos a seguir.

Na habitação — outra crise frequentemente apontada nos inquiridos de opinião destes últimos anos — temos um empate. Ou seja: 47% veem a evolução desde o 25 de Abril como positiva, mas 47% nem por isso, dividindo-se entre os 34% negativos e os 14% que respondem "na mesma". Mas aqui, ao contrário de quase todos os indicadores económicos e sociais, verifica-se uma

COMPARANDO COM O QUE SE PASSAVA ANTES DO 25 DE ABRIL, QUAIS DOS SEGUINTE ASPECTOS ESTÃO MELHOR?

% em relação ao total da amostra de cada ano

Aspecto	2004	2014	2024
ASSISTÊNCIA MÉDICA	50%	71%	74%
NÍVEL DE VIDA	57%	57%	71%
EDUCAÇÃO	49%	70%	71%
SEGURANÇA SOCIAL	43%	46%	68%
SITUAÇÃO ECONÓMICA	51%	43%	62%
PROTEÇÃO DO AMBIENTE	49%	61%	60%
CONVIVÊNCIA SOCIAL E CIVISMO	39%	43%	57%
INDEPENDÊNCIA NACIONAL	36%	41%	51%
PROTEÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL	45%	54%	48%
HABITAÇÃO	61%	74%	47%
DESIGUALDADES SOCIAIS	23%	25%	46%
DESIGUALDADES ENTRE REGIÕES	22%	24%	42%
JUSTIÇA	28%	28%	40%
DESEMPREGO	7%	7%	34%
CRIMINALIDADE E SEGURANÇA	5%	5%	19%
CORRUPÇÃO	6%	3%	14%

enorme quebra nos últimos 10 anos: enquanto 61% detetavam melhorias em 2004 — valor que aumentou para 74% em 2014 — agora já só 47% consideram que neste âmbito as coisas melhoraram desde a Revolução, explica o relatório da sondagem, feita em parceria com a Comissão de Comemoração dos 50 anos do 25 de Abril.

Ao contrário, as desigualdades sociais e as desigualdades entre regiões — as duas questões que se seguem no questionário — têm evolução positiva, embora calam ainda em zona cinzenta: 50% dos inquiridos consideram que a situação está "na mesma" ou "pior". Mas as respostas positivas ainda superam as totalmente negativas.

Neste campo, há ainda o sector da Justiça: em 2024, 40% veem melhorias face ao antigo regime, quase tantas (36%) concluem que estamos "pior" e 16% respondem "na mesma". Em qualquer caso, as respostas positivas sobem 12 pontos em 10 anos.

Na zona vermelha

Por fim, há três aspetos relativamente aos quais os inquiridos acham que estamos pior agora que antes do 25 de Abril: o desemprego, a corrupção e a criminalidade/segurança. Quanto ao de-

semprego — curiosamente, numa altura em que o país bate recordes históricos de empregabilidade —, a diferença é de oito pontos (34% dizem que "melhor", 42% que "pior"). Mas relativamente à segurança e corrupção há mesmo dois terços dos inquiridos a considerarem essas áreas piores do que antes.

São dados interessantes, estes últimos. Num regime ditatorial, como o anterior, a ideia de segurança será naturalmente mais forte, mas apenas para os que optam por não contestar o rumo do país; no que respeita à corrupção, ela é muito mais visível em democracia, onde os contrapoderes existem e são independentes. Mas é uma preocupação comum com várias outras sondagens e estudos publicados nos últimos anos.

Em qualquer caso, anota o relatório da sondagem, nota-se alguma "estabilidade" no fundo desta tabela: a justiça, as desigualdades sociais, as desigualdades regionais, o desemprego, a corrupção e a criminalidade/segurança têm sido o consistentemente nos três estudos realizados nas últimas duas décadas, "os aspetos onde menos inquiridos detetaram melhorias em comparação com o que se passava antes do 25 de Abril". E até melhoraram um pouco nos últimos 10 anos.

25 DE ABRIL SONDAAGEM

Valores Cinco décadas depois de Abril, a tecnocracia ainda colhe simpatia — e a ideia de um “líder forte” não eleito é defendida por 34%. Mais consensual é, porém, uma visão favorável da colonização

34% preferem “líder forte” e colonialismo reúne visão favorável

Textos CLÁUDIA MONARCA ALMEIDA e DAVID DINIS
Infografia SOFIA MIGUEL ROSA

alar de antifascismo em Portugal é coisa do passado? Cinco décadas depois da deposição do antigo regime, as opiniões dividem-se: 36% “concordam” ou “concordam totalmente” com a ideia de que é “uma coisa ultrapassada”, 35% “discordam” ou “discordam completamente” desta afirmação, e 23% “não concordam nem discordam”.

Contudo, sinalizam os investigadores, cinco décadas volvidas desde a Revolução dos Cravos, “a rejeição explícita de formas de Governo incompatíveis com a democracia representativa é minoritária neste inquérito”. Conclui a sondagem — feita pelo ICS/ISCTE para Expresso e SIC — que embora a maioria (43%) negue que era “preferível que tivéssemos um líder forte que não tivesse de se preocupar com o Parlamento nem com eleições”, há um terço dos inquiridos favorável à ideia. Mais acentuada é a maioria (45%) que acredita que “as decisões mais importantes devem ser tomadas por especialistas e não por políticos”, contra 23% que discordam — o que desvenda algum ceticismo sobre o sistema político democrático assente em partidos.

Mas estes serão os dados mais dissonantes deste estudo sobre “Os portugueses e o 25 de Abril”. Por exemplo, a ideia de que “até 1974, Portugal estava melhor porque se

apoiava numa identidade nacional defensora de valores tradicionais” é rejeitada por 43% e apoiada por 29%. Com ainda maior taxa de rejeição (54%) surge a tese de que “Portugal conquistaria a sua grandeza” se “os políticos portugueses seguissem os ideais de Salazar” — ainda que um quinto dos inquiridos afirme concordar com esta afirmação.

Um colonialismo soft?

Se o estudo assinala que existem “variações importantes” quando se tenta estudar as atitudes políticas, o colonialismo português surge como o tema que reúne um consenso mais alargado — bastante imune às polémicas pontuais da discussão política ou às críticas veementes feitas sobretudo pelos partidos mais à esquerda. Assim, segundo este estudo de opinião, mais de metade dos inquiridos (56%) acreditam que os portugueses tiveram a capacidade de se “misturarem com os povos colonizados”.

AS DECISÕES MAIS IMPORTANTES DEVEM SER TOMADAS POR ESPECIALISTAS E NÃO POLÍTICOS, ACREDITA UMA MAIORIA

Apenas 16% dos inquiridos discordam desta visão da história colonial nacional. Mais, a maioria (52%) concorda também que “o colonialismo português foi fundamental para o desenvolvimento” dos povos colonizados. A rejeição a esta visão é ligeiramente maior, mas ainda assim nos 19%.

Esta perceção do “excepcionalismo” português não é nova, tendo sido promovida como um dos pilares da identidade nacional pelo Antigo Regime. Para defender a manutenção das colónias — mesmo num período em que outros impérios coloniais tinham já chegado ao fim —, o regime alinhou na defesa de um “lusotropicalismo”, na identificação de “um conjunto de fenómenos e características específicas que teriam marcado o modelo colonial aplicado pelos portugueses nas regiões tropicais (...), tornando-o distinto das restantes experiências de colonização levadas a cabo por povos europeus”.

Na Academia — e no espaço político — esta perceção de “excepcionalismo” é contestada, mas até entre os críticos há quem acredite na sua predominância na sociedade portuguesa. A sondagem parece assim apontar nessa mesma direção.

Mais um exemplo aponta no mesmo sentido: em 2024, quase três em cada cinco inquiridos (58%) concordam que as “tensões e conflitos entre os portugueses e pessoas de outras origens que vivem em Portugal são menores” do que noutros países europeus. Apenas 14% discordam desta visão e 21% assumem uma posição neutra.

calmeida@expresso.imprensa.pt

25 de Abril ou de Novembro? Comemorar os dois

Mais de dois terços dos portugueses acreditam que o modelo das comemorações “ainda faz sentido”. Mas esperam a celebração das duas datas históricas

A polémica é recorrente, mas acentuou-se nos últimos anos, com a entrada do Chega no Parlamento: Portugal deve celebrar o 25 de Abril ou o 25 de Novembro? Da sondagem ICS/ISCTE feita para o Expresso e para a SIC resulta claro que a maioria dos portugueses entende que a resposta certa é que devem ser celebradas as duas datas.

São 56% das respostas obtidas, claramente maioritárias face aos que entendem que “Portugal deve celebrar o 25 de Abril, mas não o 25 de Novembro” — esses são 32% dos inquiridos. E estas duas respostas deixam a larguíssima distância as escassas minorias que dão as outras duas respostas possíveis: só 2% entendem que “Portugal deveria celebrar o 25 de Novembro, mas não o 25 de Abril”, e 4% entendem que nenhuma das duas datas têm motivos para celebração.

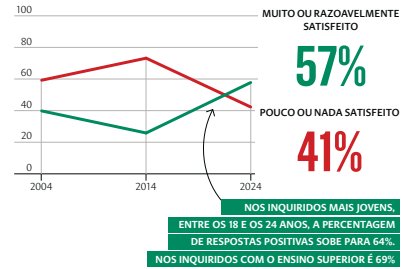
A análise da opinião dos inquiridos por grupo sociodemográfico encontra poucas variações: a concordância com a ideia de que “Portugal deve celebrar

o 25 de Abril, mas também deveria celebrar o 25 de Novembro” é tendencialmente maioritária em todos os subgrupos, reduzindo-se ligeiramente entre aqueles que sentem viver com menos dificuldades. Porém, não há diferenças assinaláveis entre os simpatizantes dos vários partidos ou sequer em termos ideológicos.

Quando questionados se “este modelo de comemoração oficial ainda faz sentido ou está ultrapassado?”, mais de dois em cada três inquiridos (68%) respondem que “ainda faz sentido”. Ao invés, esse modelo de comemoração “está ultrapassado” para 27% dos portugueses.

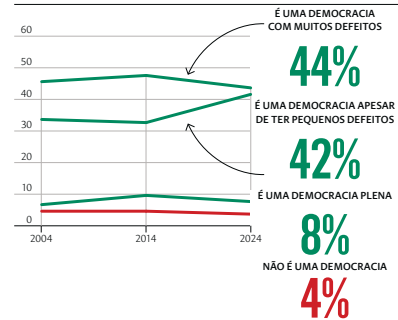
GRAU DE SATISFAÇÃO COM A DEMOCRACIA EM PORTUGAL

% em relação ao total da amostra em cada ano



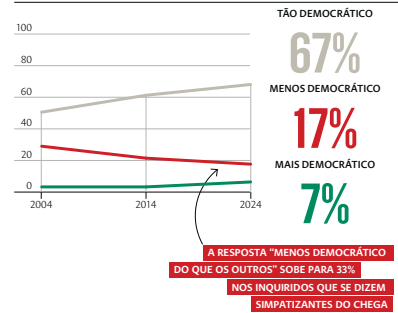
PORTUGAL É UMA DEMOCRACIA HOJE EM DIA?

% em relação ao total da amostra em cada ano



COMPARANDO PORTUGAL COM OUTROS PAÍSES DO RESTO DA EUROPA, O NOSSO REGIME É EM GERAL...

% em relação ao total da amostra em cada ano



Consenso na democracia, com satisfação em crescendo

Os “razoavelmente” satisfeitos com a democracia duplicaram numa década. 17% sentem que outros na Europa são mais democráticos

Com cinco décadas de vida democrática, o balanço parece ser tendencialmente positivo. A maioria dos interpelados diz-se hoje satisfeita com o funcionamento da democracia em Portugal. Vamos por partes: embora apenas 7% se digam “muito satisfeitos”, este valor aumentou 6 pontos percentuais desde 2014; depois de uma quebra em 2014 face a 2004, também os “razoavelmente satisfeitos” dispararam agora de 24% (em 2014) para 50%. “Trata-se do valor mais elevado obtido nos três estudos aqui analisados”, sublinham os investigadores. Em consonância, a insatisfação com o regime caiu substancialmente, mostra o estu-

do realizado pelo ICS/ISCTE para o Expresso e a SIC. Hoje, os que se dizem “pouco” satisfeitos reduzem-se de 43% para 31%. E a proporção dos que se dizem “nada” satisfeitos com a democracia (10%) representa bastante menos da identificada em 2004 (25%) e 2014 (29%). Mais, atualmente “não há diferenças muito pronunciadas entre grupos sociodemográficos e sociopolíticos no que toca à satisfação com a maneira como a democracia funciona em Portugal”, diz o estudo.

Ainda assim, a insatisfação tende a subir com a idade, ou entre os que vivem com menos rendimento, sendo “tendencialmente menor” entre os inquiridos que se dizem de esquerda (65% destes dizem-se satisfeitos) do que entre os que se posicionam à direita (55%) ou centro (57%). “Os inquiridos que não têm simpatia partidária e (especialmente) os que simpata-

ATITUDES SOCIAIS E POLÍTICAS DOS PORTUGUESES

% em relação ao total da amostra

CONCORDA E CONCORDA TOTALMENTE NÃO CONCORDA NEM DISCORDA DISCORDA E DISCORDA TOTALMENTE

COMPARANDO COM OS OUTROS PAÍSES EUROPEUS, AS TENSÕES E CONFLITOS ENTRE OS PORTUGUESES E AS PESSOAS DE OUTRAS ORIGENS QUE VIVEM EM PORTUGAL SÃO MENORES



A HISTÓRIA COLONIAL PORTUGUESA CARACTERIZOU-SE PELA CAPACIDADE DE OS PORTUGUESES SE MISTURAREM COM OS POVOS COLONIZADOS



O COLONIALISMO PORTUGUÊS FOI FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO DOS POVOS COLONIZADOS



AS DECISÕES MAIS IMPORTANTES NO PAÍS DEVEM SER TOMADAS POR ESPECIALISTAS E NÃO POR POLÍTICOS



FALAR DE ANTIFASCISMO EM PORTUGAL É, NOS DIAS QUE CORREM, UMA COISA ULTRAPASSADA



ERA PREFERÍVEL QUE TIVÉSSEMOS UM LÍDER FORTE QUE NÃO TIVESSE DE SE PREOCUPAR COM O PARLAMENTO NEM COM ELEIÇÕES



ATÉ 1974, PORTUGAL ESTAVA MELHOR PORQUE SE APOIAVA NUMA IDENTIDADE NACIONAL DEFENSORA DE VALORES TRADICIONAIS



SE OS POLÍTICOS PORTUGUESES SEGUISSEM OS IDEIAS DE SALAZAR, PORTUGAL RECONQUISTARIA A SUA GRANDEZA



FICHA TÉCNICA

Sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 20 de março e 4 de abril de 2024, resultando de uma parceria entre o jornal Expresso e a SIC e a Comissão Comemorativa 50 Anos 25 de abril. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (5 Regiões NUT II) e Habitat (Dimensão dos agregados populacionais (3 grupos)). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente 145 pontos de amostragem, onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas. A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI (Computer Assisted Personal Interviewing). Foram contactados 4239 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 1206 entrevistas válidas (taxa de resposta de 28%, taxa de cooperação de 41%). O trabalho de campo foi realizado por 47 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação, de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes no Continente, a partir dos dados da vaga mais recente do European Social Survey (Ronda 10). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 1206 inquiridos é de +/- 2,8%, com um nível de confiança de 95%. A maior parte das questões colocadas neste inquérito reproduzem integralmente as de dois estudos anteriores, realizados em 2004 e 2014. O estudo de 2004 ("30 anos depois do 25 de Abril") foi realizado pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa para a RTP e o jornal "Público" e tinha uma amostra de 1214 inquiridos. O estudo de 2014 foi realizado pela GfK Metris para o ICS/ULisboa, o jornal Expresso e a SIC e tinha uma amostra de 1254 inquiridos. Por sua vez, os questionários destes inquéritos foram parcialmente adaptados de um estudo do Centro de Investigaciones Sociológicas de Espanha ("Estudio 2401. 25 años después", dezembro de 2000) sobre as atitudes da população espanhola em relação à transição para a democracia. Todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%.

tizam com o Chega, quando comparados com os simpatizantes com o PS ou o PSD, reportam menos estar "muito" ou "razoavelmente" satisfeitos com o funcionamento da democracia em Portugal." No caso dos simpatizantes do Chega, a diferença ultrapassa os 20 pontos percentuais.

Em contrapartida, quase todos (94%) entendem que Portugal é uma democracia, embora apenas um número reduzido (8%) olhem para o regime como uma democracia "plena". Entre os restantes, há quem veja na democracia "pequenos defeitos" (42%), um aumento significativo de 9 pontos desde 2014 e "muitos defeitos" (44%), 4 pontos menos do que em 2014. 50% dos inquiridos diz que Portugal não é uma democracia, um valor que se manteve estável ao longo dos três estudos.

Comparando Portugal com o resto da Europa, dois em cada três inquiridos acreditam que o país é "tão democrático como os outros". Este valor, assim como os que acreditam que o país é "mais democrático" (7%), tem vindo a crescer ao longo das duas últimas décadas. A perceção minoritária de que o regime é "menos democrático" é ligeiramente menos frequente entre os maiores de 24 anos e entre quem completou estudos superiores. É mais frequente entre os inquiridos de direita.

Quem menos ordena? Simpatizantes do Chega têm mais queixas da democracia

O consenso é amplo e transversal, mas há algumas diferenças por simpatias partidárias. A direita é menos otimista

Portugal está hoje "tão mal ou pior do que estava antes do 25 de Abril"? A maioria diz que não, mas há variações. E, conclui a sondagem, o posicionamento ideológico pode ser um fator importante para as opiniões sobre o país após a Revolução.

A visão mais pessimista a esta questão tende a ser mais predominante à direita (27% dos inquiridos que se posicionam neste quadrante político concordam com a afirmação) do que à esquerda (16%) ou ao centro (22%). Por outro lado, os que se identificam como simpatizantes do Chega destacam-se como os que mais concordam que Portugal está "tão mal ou pior". São 35% face aos 15% do PS e 18% do PSD. Sem surpresas, são também os simpatizantes do partido que se começou por afirmar como "de protesto" que estão mais insatisfeitos com a democracia. Apenas 41% dos que dizem ser

do Chega estão "muito" ou "razoavelmente" satisfeitos com o regime, comparados com 70% dos do PS, 62% dos do PSD e 52% dos sem partido. Estão assim bem mais descontentes do que a generalidade de quem se posiciona à direita (55%), que é, ainda assim, o quadrante político menos satisfeito.

Os simpatizantes do Chega são ainda quem mais vê o regime português como "menos democrático do que outros" países europeus: um terço dos simpatizantes, destacando-se largamente ao pé dos simpatizantes do PS (13%), PSD (10%)

35% dos apoiantes do Chega dizem que Portugal está tão mal ou pior do que antes da Revolução

ou mesmo entre os que dizem não ter partido (17%).

Olhando para o que pensam os simpatizantes de cada partido sobre os eventos que marcaram a história do país, a esquerda é, sem surpresas, quem mais escolhe o 25 de Abril como o mais importante (75%). Embora com menor expressividade, a Revolução é igualmente selecionada de forma maioritária tanto pelos inquiridos do centro (65%), como pelos da direita (52%). Quanto aos partidos, os inquiridos do Chega dão menos importância do que os que se dizem do PS ao 25 de Abril (59% vs. 73%), mas estão alinhados com os do PSD (58%).

Os eleitores deste partido tendem também a concordar um pouco menos com a ideia de que o regime político anterior ao 25 de Abril tinha "mais coisas negativas do que positivas" (46%), mas também aqui estão novamente alinhados com a tendência à direita (46%, face a 52% ao centro e 54% na esquerda) e com PSD (44%). Em contrapartida, cerca de metade dos inquiridos que se identificam

com o PS ou não têm partido tende a ver com piores olhos o antigo regime.

Mais convergente parece ser a forma como os interpelados olham para a transição para a democracia, com os simpatizantes do PS, PSD e Chega perfeitamente alinhados entre si. Todos apresentam uma proporção de 83% de respostas afirmativas à tese de que este processo deve "constituir um motivo de orgulho para os portugueses".

Menos alinhamento existe nas opiniões sobre o resultado da Revolução. Em termos de simpatia pelo 25 de Abril, o

A esquerda é, sem surpresas, quem mais escolhe o 25 de Abril como o evento mais importante (75%)

PORTUGAL DEVE CELEBRAR

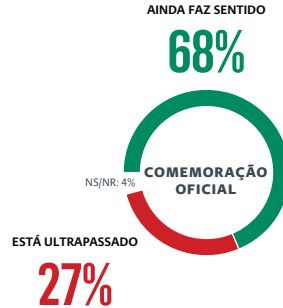
% em relação ao total da amostra



NOS INQUIRIDOS COM INSTRUÇÃO SUPERIOR ESTE VALOR SOBE PARA 61%

O MODELO DE COMEMORAÇÃO OFICIAL...

% em relação ao total da amostra

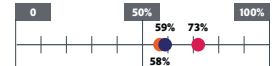


ESCOLHAS DOS INQUIRIDOS QUE DIZEM TER SIMPATIA POR UM PARTIDO

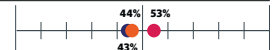
% em relação ao total da amostra

PS PSD CHEGA

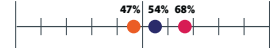
O 25 DE ABRIL DE 1974 FOI O FACTO MAIS IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA DO PAÍS



O REGIME ANTERIOR AO 25 DE ABRIL DEVIA PASSAR À HISTÓRIA COM MAIS COISAS NEGATIVAS DO QUE POSITIVAS



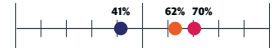
O 25 DE ABRIL DEVIA PASSAR À HISTÓRIA COM CONSEQUÊNCIAS MAIS POSITIVAS DO QUE NEGATIVAS



PORTUGAL ESTÁ HOJE TÃO MAL OU PIOR DO QUE ESTAVA ANTES DO 25 DE ABRIL DE 1974



SENTE-SE MUITO OU RAZOAVELMENTE SATISFEITO COM A DEMOCRACIA EM PORTUGAL



COMPARANDO PORTUGAL COM O RESTO DA EUROPA, O NOSSO REGIME É MENOS DEMOCRÁTICO DO QUE OS OUTROS





**SONDAGEM
PORTUGUESES
NUNCA VALORIZARAM
TANTO O 25 DE ABRIL**

Inquérito do ICS e ISCTE para o Expresso e a SIC mostra que satisfação com a democracia aumentou na última década **P.60**

**25 DE ABRIL
É A DATA MAIS
IMPORTANTE
DA HISTÓRIA
DE PORTUGAL** **P.6**

**SAÚDE FOI O QUE
MAIS MELHOROU,
COMBATE À
CORRUPÇÃO O QUE
MAIS PIOROU** **P.7**

**25 DE ABRIL OU
25 DE NOVEMBRO?
É IMPORTANTE
CELEBRAR
OS DOIS** **P.8**

FOTO JOSÉ AMILICAR COELHO/ARQUIVO EXPRESSO